

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS DE GOIÁS
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS/INGLÊS

KASSIA ALVES DE CARVALHO

VONTADE DE SABER PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

GOIÁS
2016

KASSIA ALVES DE CARVALHO

VONTADE DE SABER PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras-Português/ Inglês pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Goiás.

Orientador: Prof. Me. César Augusto de Oliveira Casella.

GOIÁS
2016

KASSIA ALVES DE CARVALHO

VONTADE DE SABER PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás-Câmpus de Goiás como parte dos requisitos exigidos para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Português/Inglês

Trabalho aprovado em 02, de dezembro de 2015

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Me. César Augusto de Oliveira Casella

Prof^a. M^a. Cassia Regina Pereira Rosa

Prof^a. Dr^a. Luana Alves Luterman

DEDICATÓRIA

À minha mãe, pois toda a minha formação acadêmica não teria sido concretizada sem a sua ajuda!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram nesta minha jornada acadêmica, mas especialmente a Deus, a quem devo minha vida.

À minha família, mas em especial à minha mãe, Maria, que sempre me apoiou nos estudos e nas escolhas tomadas.

Ao meu namorado, Mateus, por sempre me incentivar e me compreender nos momentos difíceis.

Ao meu orientador, César, por me auxiliar na elaboração deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação de como se dá o tratamento da variação linguística no livro didático *Vontade de saber Português* da autoria de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto, livro destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, utilizado na cidade de Mossâmedes-GO. Para tal investigação, nos embasaremos nos fundamentos da Sociolinguística, mais especificamente, na Pedagogia da Variação Linguística ou Sociolinguística Educacional. Para tanto, utilizaremos Antunes (2014), Bagno (2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (2002), Cesário; Votre (2008), Faraco (2008) e Travaglia (2009). Temos como metodologia o estudo bibliográfico, que tem como objeto de estudo o livro didático, e que para tal análise teve como suporte uma literatura especializada. Os resultados do tratamento da variação linguística no livro didático *Vontade de Saber Português* se mostram insuficientes. Como na maioria das vezes o professor possui somente o material didático como fonte para as aulas de Língua Portuguesa, pontuaremos sobre a importância de esses materiais serem voltados para o compromisso de formar cidadãos competentes linguisticamente.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Ensino. Livro Didático.

ABSTRACT

This paper presents an investigation of the treatment of language variation in the textbook *Vontade de saber Português* by Rosemeire Alves and Tatiane Brugnerotto, which is a book for the 6th year of elementary school used in the city of Mossâmedes-GO. As a basis for this research we use the fundamentals of sociolinguistics, more specifically the fundamentals of language variation or educational sociolinguistics. To this end, we use Antunes (2014), Bagno (2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (2002), Cesario; Votre (2008), Faraco (2008) and Travaglia (2009). Ours is a bibliographical study, whose object is the textbook, with the support of specialized literature. The results of the study of the treatment of language variation in the textbook *Vontade de Saber Português* show that such treatment is insufficient. Since the only source the teacher uses for the Portuguese classes is usually the course material, we highlight that such material must be committed to training linguistically competent citizens.

Keywords: Sociolinguistics. Language Variation. Education. Textbook.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLG – Curso de Linguística Geral

LD – Livro Didático

LP – Língua Portuguesa

GN – Gramática Normativa

PB – Português Brasileiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atividades

Figura 2: História em quadrinho – Xaxado

Figura 3: Quadro de pronomes pessoais – *Vontade de Saber Português*

Figura 4: Quadro de pronomes – *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipos/modos de variação linguística

No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que eles não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução.

(Sírio Possenti)

SUMÁRIO

Introdução	13
1. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	16
1.1. Sociolinguística: definição e um percurso teórico-metodológico	16
1.2. Variação linguística: o que é? Como acontece?	20
1.3. Heterogeneidade sim, mas não desordenada	23
2. SIM À PEDAGOGIA SOCIOLINGUÍSTICA!	26
2.1. Abordagens teóricas	26
2.2. Língua e gramática não são equivalentes	28
2.3. “Certo” e “errado”?	32
3. Análise da variação linguística no livro didático <i>Vontade de Saber Português</i>	35
3.1. Apresentação metodológica	35
3.2. Análise do objeto	37
3.2.1 A proposta de tratamento da variação linguística no LD	38
3.2.2 A parte específica do LD que trata da variação	42
3.2.3 O tratamento transversal da variação linguística	45
Conclusão: Que português nós vamos ensinar nas escolas?	48

Introdução

A todo o momento os falantes interagem por meio da língua, seja ela na sua forma oral e/ou escrita. Devido a esse uso constante, a língua sofre variações/mudanças, pois, por conta da sua dinamicidade, ela acompanha o seu povo e jamais permanece estanque.

Seguindo essa perspectiva, este presente trabalho tem como objetivo geral verificar o modo como é abordado o tratamento da variação linguística no livro didático, (doravante LD), *Vontade de saber Português*, de maneira que mostre qual a realidade linguística do nosso Português Brasileiro¹ (doravante PB). Temos como objetivos específicos: Identificar no material didático em que parte está abordada a variação linguística; avaliar se a abordagem da variação linguística no livro analisado realmente acontece de modo que corresponda às expectativas das propostas por linguistas renomados; avaliar se a variação linguística está sendo abordada com a devida importância no LD *Vontade de saber Português*.

É de suma importância a escola abrir-se às variações linguísticas do nosso Português, às variações que trazem os nossos alunos. Com essa abertura, o nosso alunado poderá ampliar a sua competência comunicativa, ou seja, isso significa que saia de fato da escola um cidadão competente linguisticamente. Que essa abertura se reflita em sala de aula, com total precisão nas aulas de LP, adquirindo um aspecto de *educação inclusiva* das variações linguísticas.

Para tais colocações nos embasaremos na Sociolinguística uma ciência que estuda os aspectos sociais do uso da língua. Mais especificamente, a Sociolinguística Educacional ou Pedagogia da Variação Linguística. Essa ciência nos ajudará no ensino de língua materna, no nosso caso, o de LP. Abordaremos sobre os temas referentes a essa ciência, explicando e pontuando a importância de cada um deles nessa área tão relevante que contribui altamente para desfazermos a visão de língua “certa” e/ou “errada”, se torna necessário para termos uma visão de que a língua varia e que essa variação é inerente às línguas em uso. Essa visão de língua, proposta pela Gramática Normativa, de “certo” e/ou “errado” desperta e desenvolve em seus falantes um preconceito linguístico. Este termo, preconceito

¹ Para o referente termo, consultar *A Gramática do Português Brasileiro* de Ataliba de Castilho e/ou *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* de Marcos Bagno.

linguístico, é usado para designar a aversão a quem fala de forma diferente da forma proposta pelas gramáticas.

Determinado assunto, sobre a abordagem da variação linguística, foi escolhido após ler o livro *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*, de Marcos Bagno (2013), no qual o autor faz uma análise de variados LDs aprovados para o ensino de LP. Desde então, surgiu a ideia de se fazer um trabalho parecido a esse e perceber de perto a abordagem da variação linguística em materiais didáticos. Essa preocupação é constante pelo fato dos LDs serem na maioria das vezes, - se não sempre -, o único material que norteia o professor acerca das elaborações das suas aulas de LP.

Bortoni-Ricardo (2004), comprometida com a ampliação da competência comunicativa dos alunos, argumenta:

É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74).

Dessa maneira, como já sabemos que a variação linguística na maioria das vezes é abordada de maneira falseada nos LDs, era necessário o fornecimento de materiais que suprissem essa lacuna deixada pela abordagem falha.

No que diz respeito à abordagem da variação linguística, é errôneo acreditar que as regras de funcionamento da língua são exatamente, e somente, as que aparecem nos LDs e nos compêndios gramaticais. Pois, é impossível “encerrar num único livro a verdade definitiva e eterna sobre a língua” (BAGNO, 2007). Como afirma Travaglia (2009), o objetivo do ensino é fazer com que os alunos desenvolvam a competência comunicativa linguística, mas para que isso aconteça, é necessário e fundamental que a escola esteja de portas abertas para todas as variedades linguísticas, para a pluralidade dos discursos.

A concepção de que existe somente uma língua certa, a língua padrão, acaba falseando a realidade linguística e conseqüentemente, o nosso aluno que fala uma língua diferente daquela proposta pelos livros e gramáticas imagina que não sabe LP ou até mesmo, que essa língua é muito difícil – veremos que isso não é

verdade. Dessa maneira, o aluno fica defasado quanto à sua aprendizagem, pois cria aversão às aulas de Português. Portanto, não é isso que queremos de nossos alunos, devemos despertar neles a vontade de entender mais sobre o funcionamento da nossa língua, que é riquíssima por sinal; entender a sua dinamicidade e não regras isoladas, que caíram em desuso. Queremos o ensino de LP voltado para a língua viva!

Nessa perspectiva, analisaremos o LD *Vontade de Saber Português*, (2012), da Editora FTD, com a produção das autoras Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto. Este material didático é destinado ao sexto ano do Ensino Fundamental, previsto a utilização de 2014 a 2016, na cidade de Mossâmedes-GO. O LD em estudo possui seis unidades, cada uma contém dois capítulos e cada capítulo possui os seus respectivos subitens.

Para tanto, este trabalho de análise do material didático mencionado anteriormente é dividido em três capítulos: O primeiro, intitulado “O fenômeno da variação linguística”, aborda acerca da variação linguística e as noções teóricas pertinentes ao nosso estudo; o segundo, intitulado “Sim à Pedagogia Sociolinguística!”, reflete sobre a importância de se ter um trabalho pedagógico calcado na pluralidade linguística; e por fim, o terceiro capítulo, intitulado “Análise da variação linguística no LD *Vontade de Saber Português*”, traz uma breve apresentação do material didático em estudo e, posteriormente, sua análise. Ao final, faremos uma proposta para o ensino de LP, calcado nas teorias expostas aqui.

1. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, faremos um percurso teórico-metodológico acerca da Sociolinguística e das mudanças que ocorreram ao longo do tempo, as quais acarretaram diversas visões de língua. Abordaremos também a variação linguística e as noções teóricas pertinentes ao nosso estudo, que, posteriormente, serão usadas na análise do *corpus*, e abordaremos também os referenciais teóricos que embasaram a nossa pesquisa.

O capítulo é constituído da seguinte maneira: “1.1. Sociolinguística: definição e uma abordagem histórica”, “1.2. Variação linguística: o que é? Como acontece?” e “1.3. Heterogeneidade sim, mas não desordenada”.

1.1. Sociolinguística: definição e um percurso teórico-metodológico

A Sociolinguística é uma ciência que pertence à área de estudos da linguagem. Essa ciência estuda a língua em seu uso real, levando em conta não somente os fatores linguísticos, que correspondem a estrutura linguística, mas também, os fatores extralinguísticos que estão relacionados ao uso. Sendo assim, para a Sociolinguística, a língua é uma instituição social, não podendo ser considerada como uma estrutura isolada, sem relação com o contexto. Pois, “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável” (ALKMIN, 2006, p. 21). Para Camacho (2006):

A Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares (CAMACHO, 2006, p. 50).

A Sociolinguística, até se tornar a ciência voltada para os aspectos da língua em sociedade, no decorrer do tempo, adquiriu aspectos diferenciados devido ao fato de que cada época se define, por teorias linguísticas diferentes, cada uma a seu modo e com suas respectivas características (ALKMIN, 2006, p.22). Dessa maneira,

seguem-se sucessivamente, em um percurso teórico-metodológico do fenômeno linguístico.

Após a morte de Ferdinand de Saussure, foi publicado o *Curso de Linguística Geral* (doravante, CLG), que resultou de anotações de seus alunos, a partir de aulas ministradas por ele. Para Alkmin (2006), “Saussure privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, embora reconheça a importância de considerações de natureza etmológica, histórica e política” (Alkmin, 2006, p. 23). Ainda segundo Alkmin (2006, p. 24) Saussure divide a Linguística em duas: a Linguística Interna e a Linguística Externa. A primeira consiste em “orientações formais” (formalismo) e a segunda, por sua vez, se refere a “orientações contextuais” (funcionalismo). A segunda, a Linguística Externa, possui alguns vieses, sendo eles: Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística, entre outros. Dessa maneira, nos utilizaremos da perspectiva funcional, calcados na Sociolinguística.

Saussure teve muitos alunos e seguidores e um deles foi o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936). Meillet, após a publicação póstuma do CLG, seguiu um caminho contrário aos postulados saussurianos, consignados no seu livro, pois acreditava que a língua é um fato social. Meillet acreditava que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, 1965, p. 230 *apud* CALVET, 2002, p. 14). Por esse motivo, Calvet (2002) considera Meillet o precursor da Sociolinguística.

Basil Bernstein, especialista inglês em Sociologia da Educação, segundo Calvet (2002), será o primeiro a levar em conta as situações linguísticas reais e a situação sociológica dos falantes. Só que Bernstein, na leitura de Calvet (2002), peca ao querer definir *código restrito* e *código elaborado*, pois, não se trataria de uma oposição binária, mas sim um contínuo². Ao caracterizar esses dois códigos como uma oposição binária, o autor estaria sendo preconceituoso em relação ao uso da língua. O primeiro consistiria no código que as crianças dos meios desfavorecidos economicamente utilizam; já o segundo, o código que as crianças

² Bortoni-Ricardo (2004) ilustra bem a questão do contínuo, que consiste em uma ruptura de variação bipolar. O contínuo é utilizado como ferramenta de entendimento dos usos linguísticos, abordando três: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento, contínuo de monitoração estilística. O primeiro contínuo refere-se aos falares urbanos; o segundo, refere-se aos eventos por meio da língua escrita (letramento) e por meio da língua falada (oralidade); e por fim, o terceiro refere-se ao monitoramento do falante no momento da fala, da espontânea à cautelosa.

das camadas mais favorecidas economicamente da sociedade utilizavam, podendo também utilizar o *restrito*.

Mesmo com estas críticas, Calvet (2002, p. 28) considera que Bernstein significou uma virada na história da Sociolinguística, acreditando ser ele um “catalisador”, um “acelerador” dos estudos nessa área.

Posteriormente, em 1963, William Labov conclui um trabalho que foi feito na Ilha de Martha’s Vineyard, situada no litoral de Massachusetts. Nesse trabalho Labov chama a atenção para a importância dos aspectos sociais na análise da variação e mudança linguísticas (ALKMIN, 2006, p. 30).

Logo após, no ano de 1964 foi fixado o termo Sociolinguística (ALKMIN, 2006, p. 28), quando William Bright reúne em Los Angeles, nos Estados Unidos, 25 pesquisadores para uma conferência sobre a Sociolinguística. Nessa conferência, os participantes apresentaram trabalhos acerca do assunto. Bright fica encarregado da publicação das atas e querendo sintetizar as diferentes contribuições, tenta definir a Sociolinguística. Porém, já alerta que esse campo é vago e de difícil definição. Mas insiste: “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas.” (BRIGHT, 1966, p. 11, *apud* CALVET, 2002, p. 29). Bright, porém, não considera a Sociolinguística como uma ciência autônoma, mas como uma complementação da Linguística, Sociologia e/ou Antropologia (CALVET, 2002).

Essa concepção de subordinação da Sociolinguística, feita por Bright estava com os dias contados por causa da teoria e publicações de William Labov, que teve sua primeira publicação no ano anterior, já citada acima. Essa publicação revela uma ruptura da concepção de língua proposta por Saussure (COELHO, 2007, p. 8). Na leitura de Calvet (2002), Labov contribuiu efetivamente para a Sociolinguística com seus estudos e teorias na área. Dessa maneira, as concepções de Labov são posições contrárias às anteriores - Saussure, Bright - e compatíveis às de Meillet. Labov diz que a Sociolinguística, na verdade, é a Linguística. Essa afirmação é justificada pelo fato de que nunca se analisa a língua sem levar em conta os fatores extralinguísticos: idade, sexo, status social, região onde mora.

Labov foi de suma importância para a Sociolinguística, ou como ele mesmo diz, Linguística. Em 1964, segundo Coelho (2007, p. 8), Labov faz uma pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova York. Essa pesquisa consiste na descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos inseridos no contexto social de

comunidades urbanas (ALKMIN, 2006, p. 30). Ganhado o nome de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. E é a perspectiva laboviana que permite o surgimento da Pedagogia da Variação Linguística, e é calcado nesse viés que faremos a investigação do LD escolhido como *corpus* para o trabalho.

Para Calvet (2002), os anos 70 caracterizam-se como uma grande virada na área da Sociolinguística, pois ocorreram várias publicações acerca do assunto, que permanecia tranquilo até então: em 1972, é publicado *Language and social context*, de Pier Paolo Giglioli; no mesmo ano sai *Sociolinguistics* de J. B. Pride e Janet Holmes; dois anos depois, *Sociolinguistics, an Introduction*, de Peter Trudgill; no mesmo ano, na França, foi publicado *Introduction à La sociolinguistique*; em 1972, a revista *Language in society* começa a circular; o *International Journal of the Sociology of Language*, começa a partir de 1974. Todas essas publicações são um indicador de mudança, a indicação de que a luta por uma “concepção social da língua” está a caminho de se concretizar.

William Labov não tinha reproduzido as suas pesquisas em campo brasileiro, portanto, elas eram pouco conhecidas. Eram conhecidas em território brasileiro, por modelos de pesquisa de campo, com o propósito de levantar fatos linguísticos à luz de variáveis. Mas com a publicação de *A pesquisa Sociolinguística* de Fernando Tarallo (1985), que consistia nos fundamentos desse campo, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, entraram nos meios acadêmicos (CAVALIERE, 2014, p. 619).

Segundo Cavaliere (2014), não somente Tarallo contribuiu para a expansão dessa área no Brasil. Depois de Fernando Tarallo, temos também a contribuição de Mollica e Braga (2003). Ambas contribuíram para uma maior difusão das bases teóricas e metodológicas das pesquisas de campo.

Nessa área, o Brasil tem produzido diversos trabalhos a favor da reformulação do ensino de Língua Portuguesa (CAVALIERE, 2014, p. 621), sendo possível citar: Bagno, Possenti, Bortoni-Ricardo, Travaglia, Antunes.

Portanto, após a explanação do percurso teórico da Sociolinguística, ao decorrer dos tempos, podemos pontuar a importância dessa ciência em cursos de formação de professores de língua. Pois, o papel do professor ultrapassou a mera repetição de conteúdos baseados em classificações gramaticais; hoje, portanto, o professor precisa ser um pesquisador, mostrar aos seus alunos a diversidade da LP e não somente uma parcela dela. Dessa maneira, para o professor possuir essa

concepção/visão de língua heterogênea, é necessário ele se basear nos fundamentos da Sociolinguística, mas não somente, podendo se basear também na Sociologia da Linguagem, entre outros. Pois, por meio dessas ciências, poderemos alcançar uma democratização no ensino. E, por consequência dessa adaptação, teremos “uma diminuição da distância existente entre os alunos das classes sociais menos favorecidas e a escola” (SILVA, 2006, p. 138).

1.2. Variação linguística: o que é? Como acontece?

A variação linguística mostra-se como a mobilidade de termos diferentes possuírem o mesmo significado. A respeito, José Saramago (2004) no filme *Língua: vidas em português*, direção de Victor Lopes, afirma: “Quase me apetece dizer que não há uma Língua Portuguesa, há línguas em Português”. Isto é, a LP não é homogênea, uniforme, estável, mas sim intrinsecamente heterogênea, pois há várias maneiras de se falar o Português, dependendo do seu falante, da região onde ele se encontra, do seu gênero, idade, escolaridade, etc. Coelho (2007) define a variação linguística como o “uso de um elemento no lugar de outro sem alteração semântica”.

A variação tem como ponto de partida a comunidade linguística que é “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIN, 2006, p. 31). Sendo assim, a comunidade linguística consiste na relação social e cultural entre os indivíduos existentes em uma mesma comunidade, tendo como orientação verbal o mesmo conjunto de normas. A essas diferentes normas existentes, dá-se o nome de variedades linguísticas. As variedades linguísticas consistem nos “diferentes modos de falar”. Referem-se ao “repertório verbal” (ALKMIN, 2006, p. 32).

A variação linguística existe em todas as línguas em uso, pois é inerente a elas. Sendo assim, não existe língua sem variação. Isso acontece devido, aos fatores linguísticos e extralinguísticos. Os fatores linguísticos dizem respeito à estrutura linguística; já os fatores extralinguísticos referem-se aos fatores relacionados ao social e consistem em características como idade, classe social, nível de escolaridade, sexo do falante e em que local ele fala. Os fatores extralinguísticos podem ser divididos em tipos e níveis.

“Podemos flagrar variação em todos os níveis da língua” (CESÁRIO; VOTRE, 2008, p. 145). Sendo assim, os níveis em que acontece a variação são: o fonético-morfológico, o morfológico, o sintático, o semântico, o lexical e estilístico-pragmático. O primeiro nível remete à variação de pronúncia. Por exemplo, a pronúncia dos diferentes /r/ da palavra ‘porta’ no PB (BAGNO, 2007, p. 39); Como exemplo desse nível, podemos citar também “a variação regional das pronúncias de uma palavra como ‘morena’, com a vogal pré-tônica aberta no Nordeste e fechada na maior parte do Brasil” (CESÁRIO; VOTRE, 2008, p. 145); O segundo, nível, por sua vez, caracteriza a variação no interior das palavras, em sua formação; estrutura. Por exemplo, ‘pegajoso’ e ‘peguento’ tem diferentes sufixos, mas possuem o mesmo significado (BAGNO, 2007, p. 40).

Já o terceiro, consiste nas diversas maneiras de se organizar os constituintes de uma frase. Como, por exemplo, em: ‘Uma história que ninguém prevê o final’ / ‘Uma história que ninguém prevê o final dela’ / ‘Uma história cujo final ninguém prevê’ (BAGNO, 2007, p. 40); O quarto nível consiste nas possibilidades de significação de uma mesma palavra. Vejamos o exemplo: ‘vexame’ pode significar ‘vergonha’ e ‘pressa’ (BAGNO, 2007, p. 40).

Por sua vez, o quinto nível consiste na possibilidade de palavras diferentes possuírem o mesmo significado. Por exemplo: ‘mijo’, ‘xixi’ e ‘urina’ (BAGNO, 2007, p. 40). Outro exemplo, de Cesário e Votre (2008, p. 145) ilustra esse nível: “jerimum” (Bahia) e “abóbora” (Rio de Janeiro); “guri” (Rio Grande do Sul) e “menino” (Rio de Janeiro); E por fim, o sexto nível consiste na variação que ocorre, dependendo do contexto, da interação social e do grau de formalidade do falante. Como por exemplo: “Queiram se sentar, por favor!” e “Vamo sentano aí galera”. Os dois enunciados se referem a situações interacionais diferentes, dependendo do grau de formalidade, podendo ser maior ou menor (BAGNO, 2007, p. 40).

A variação linguística acontece não somente em níveis, mas também pode ser entendida em tipos ou modos, sendo eles: diatópico, diastrático, diamésico, diafásico, diacrônico. Vejamos, na tabela a seguir, os tipos/modos e suas respectivas definições:

Tabela 1: Tipos/modos de variação linguística

Tipos/modos em que a variação linguística ocorre	
Diatópico	<p>Refere-se ao fato de que “a língua varia de um lugar para o outro” (BAGNO, 2007, p. 43).</p> <p>Assim, “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. (ALKMIN, 2007, p. 43).</p>
Diastrático	<p>“Relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (ALKMIN, 2006, p. 35). Fatores como “classe social”, “idade”, “sexo” e “situação ou contexto social”;</p>
Diamésico	<p>“Se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita” (BAGNO, 2007, p. 46);</p>
Diafásico	<p>Refere-se ao “uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal” (BAGNO, 2007, p. 47);</p>
Diacrônico	<p>Refere-se à “comparação entre diferentes etapas da história de uma língua” (BAGNO, 2007, p. 47).</p>

Fonte: Alkmin (2006); Bagno (2007). Org. CARVALHO, K. A. 2015.

1.3. Heterogeneidade sim, mas não desordenada

Depois de todas as explicações expostas anteriormente, podemos afirmar que a variação linguística acontece sim, em todos os níveis da língua. E que essa variação acontece de forma organizada, sistematizada. Como afirma Marcos Bagno (2007):

um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores (BAGNO, 2007, p. 40).

Quando mencionada na citação acima que a variação linguística é “condicionada por diversos fatores”, o autor está se referindo aos fatores linguísticos e os extra-linguísticos. Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) os denomina como fatores linguístico-estruturais, e, fatores socioestruturais e fatores sociofuncionais, respectivamente. Segundo a autora, os fatores linguístico-estruturais são os “fatores da própria língua”. Esses fatores são “o ambiente fonológico em que o segmento que está em variação ocorre, a classe da palavra, a estrutura sintática etc” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

Além disso, quando se estuda variação linguística, a autora diz que “idade, sexo, seu *status* socioeconômico, nível de escolarização etc” são atributos de um falante. Para a autora, “esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da individualidade do falante” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49). Mais ainda segundo a autora, “há outros fatores que não são estruturais, mas sim funcionais. Resultam da dinâmica das interações sociais”. Sendo assim, os fatores socioestruturais e/ou sociofuncionais.

Cesário; Votre (2008, p. 141) também seguem essa mesma linha de pensamento, pois, para eles, “a variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática”. Faraco (2007, p. 14) ratifica que “as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão”.

Dessa maneira, “todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras” (BAGNO, 2013, p. 47).

Assim, a variação linguística não acontece de qualquer jeito, mas sim apresenta-se toda estruturada, elemento necessário para que seus falantes possam se comunicar e interagirem.

Como Bagno (2007) pontua:

A heterogeneidade ordenada tem a ver, então, com essa característica fascinante da língua: o fato dela ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com coerência funcional (BAGNO, 2007, p. 43).

Quando Bagno (2007) fala sobre regras, não pensemos nas regras da Gramática Normativa (GN), que são como leis que devem ser seguidas a todo custo, mas pensemos em regularidade. Essa regularidade é que torna as línguas fluidas.

Vejamos um exemplo retirado do livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, de Marcos Bagno (2007, p. 42):

- (a) aquelas casinha amarelinha
- (b)*aquela casinha amarelinha
- (c)*aquela casinha amarelinhas

A primeira sentença ilustra o que ocorre no PB, enquanto os outros dois não representam nenhum uso da língua, por isso, no início de cada frase há um asterisco, indicando essa característica. Segundo Bagno (1999, p. 125):

Por serem agramaticais, isto é, por não respeitarem as regras de funcionamento da nossa língua, não aparecem na fala espontânea e natural de falantes nativos do português do Brasil, mesmo que sejam crianças pequenas que ainda não frequentam escola ou adultos totalmente iletrados.

Percebamos que a marca de plural está somente no artigo e como afirma Bagno (2007), essa frase é usada por praticamente todos os brasileiros. Isso quer dizer que há uma regra nessa construção, que é: “marque o plural somente no primeiro elemento do sintagma” (BAGNO, 2007, p. 42).

Dessa maneira, fica evidente que falamos com total organização/articulação; e o melhor, isso é inerente à língua. Sendo assim, a desconstrução desse equívoco é necessária para o estudo, pois como ele é voltado para o ensino de língua materna, é preciso desmistificar essas noções que nada contribuem para o ensino de LP.

2. SIM À PEDAGOGIA SOCIOLINGUÍSTICA!

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre a importância das escolas se basearem nas propostas da Sociolinguística para a melhoria do ensino de LP. Essa melhoria vem intermediada pela abertura da escola à pluralidade linguística. Os autores engajados nessa mudança propõe uma reorganização das prioridades do ensino em sala de aula, sendo o principal alvo, a GN, a gramática que prioriza formas e regras que maquam a realidade da língua.

Nessa perspectiva, argumentamos sobre essa relevância vir aplicada aos LD, que na maioria das vezes – se não sempre - é o único material do professor em sala de aula.

O capítulo possui a seguinte divisão: 2.1. Abordagens teóricas, 2.2. Língua e gramática não são equivalentes, 2.3. “Certo” e “errado”?.

2.1. Abordagens teóricas

Travaglia (2009), ao perceber a realidade brasileira do ensino e aprendizagem de LP, escreve um livro intitulado *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. Neste livro, Travaglia pontua a dificuldade dos professores em definir o que ensinar aos seus alunos e relata que eles acabam transformando as aulas de LP em um problema, pois, por fim, não fazem nada de significativo para seus alunos. Como bem afirma Antunes (2014):

Acreditar numa língua abstrata, numa língua potencial, numa língua hipotética, que talvez possa acontecer, não se sabe em qual contexto, dita não se sabe com que intenção, não se sabe a quem, não se sabe se oralmente ou se por escrito, se formal ou informalmente, só pode resultar, na prática de sala de aula, em opções de: fazer listas de palavras; identificar sua classe morfológica; formar e analisar frases soltas; identificar a função sintática de termos e orações; (...) (ANTUNES, 2014, p. 16).

Tendo em vista esse equívoco - as aulas baseadas em classificações e nomenclaturas -, Travaglia (2009) escreve fazendo uma proposta para o ensino de gramática, sobretudo para as aulas de língua materna. Uma das propostas é desenvolver a competência comunicativa, que segundo o autor, para que aconteça, precisa que a escola se abra à pluralidade linguística dos discursos, ou seja, às variedades linguísticas (TRAVAGLIA, 2009, p. 41).

Para o autor, aprender uma língua, tanto no âmbito social, quanto no âmbito escolar requer "reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e funcionamento da língua" (TRAVAGLIA, 2009, p. 107). Sendo assim, Travaglia (2009) propõe que o professor não foque somente na GN, com basicamente exercícios sem nenhuma reflexão, mas que mescle os quatro tipos de gramática, enumeradas a seguir: gramática de uso; gramática reflexiva; gramática teórica e gramática normativa.

A primeira consiste no trabalho a partir das produções orais e escritas dos próprios alunos ou de outros autores, sendo esses textos de todos os tipos. Ela "é não consciente, implícita e liga-se à gramática internalizada do falante" (TRAVAGLIA, 2009, p. 111). A segunda consiste na reflexão sobre a língua que o aluno já domina e, também, a que ele não possui domínio, levando assim, à aquisição de novas habilidades linguísticas. A terceira consiste na sistematização teórica a respeito da língua, com a utilização de uma metalinguagem apropriada para esse fim. E, por fim, a quarta consiste em normas para o uso da variedade padrão, para falar e escrever dominando essa variedade.

Deste modo, Travaglia (2009) propõe uma reeducação do ensino e aprendizagem de língua materna, visando a introdução das mais diversas variedades linguísticas, possibilitando assim, uma maior competência comunicativa de seus falantes, uma maior adequação aos diferentes ambientes discursivos.

Bagno (2013) afirma que os LDs, na maioria das vezes, são cheios de regras conservadoras, pois são baseados na Gramática Tradicional (doravante GT), na qual são usadas noções e conceitos que não representam mais a realidade, somente e puramente um "ideal" de língua. Essa abordagem faz com que o aluno permaneça um analfabeto científico tornando-o "uma criatura indefesa, joguete de opinião e dos interesses claros ou escuros de outras pessoas" (PERINI, 2014, p. 53). Esse analfabetismo científico, segundo Perini (2014), se refere ao estudo da gramática calcado no normativismo, pois este oferece resultados sem focar os

métodos de obtenção; lidam, na maioria das vezes, com dados fictícios; desencorajam o aluno à dúvida e ao questionamento. Perante essa situação, Bagno (2013) também propõe uma política de aprimoramento do ensino, na qual os LDs deverão ser inovadores, no sentido de que tratem a língua e suas variações de maneiras adequadas.

Bortoni-Ricardo (2004) também propõe uma pedagogia que inclua todas as variações do nosso PB. A autora tenta conscientizar que “erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua” (p.37). Quanto às atitudes do professor em relação às diferenças linguísticas pronunciadas pelos alunos, Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) propõe uma pedagogia culturalmente sensível: “Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola”.

Nessa perspectiva, ainda segundo Bortoni-Ricardo (2004), o professor, diante da realização do aluno de uma variedade não padrão, deve agir com cautela, seguindo duas orientações, sendo elas: identificação e conscientização. Primeiramente, o professor identificará essa variedade e posteriormente conscientizará o seu aluno de que aquela variedade é apenas uma diferença, apenas uma das diversas formas de se dizer algo.

Portanto, tendo em vista esses autores e as contribuições possíveis para o ensino de LP, propomos aqui a abertura à pluralidade linguística, e o sim à pedagogia sociolinguística!

2.2. Língua e gramática não são equivalentes

Quando falamos em gramática, normalmente, nos vem à cabeça a GN. Porém, há outras existentes: “conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua”; “conjunto de normas que regulam o uso da norma culta”; “uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem”; “uma disciplina de estudo” e “um compêndio descritivo-normativo da língua” (ANTUNES, 2007, p. 26-33).

A primeira consiste nas “regras de uso de uma língua”. (ANTUNES, 2007, p. 26); a segunda, por sua vez, segundo Antunes (2007, p. 30) “Enquadra-se, portanto, no domínio do normativo, no qual define o *certo*, o como deve ser da língua e, por

oposição, aponta o *errado*, o como não deve ser dito”; já a terceira é “uma perspectiva científica ou um método de investigação sobre as línguas” (ANTUNES, 2007, p. 31); a quarta, como o próprio nome diz, refere-se a uma disciplina normalmente presente na grade curricular das aulas dos alunos; e por fim, a quinta, refere-se a um livro em que no mesmo consta uma “descrição do funcionamento da língua - da fonética à estilística [...] Em geral, essa gramática pode adotar uma perspectiva mais descritiva ou mais prescritiva” (ANTUNES, 2007, p. 33).

Atualmente, no ensino brasileiro, as aulas de LP são pautadas em nomenclaturas e classificações gramaticais, que não levam o aluno a uma mínima reflexão acerca da LP. Como afirma Bagno (2013, p. 18) “nosso ambiente educacional ainda é, em grande parte, ideologicamente conservador”. Isso acontece por conta do equívoco, que a maioria dos professores insiste em acreditar, de que a gramática, a GN, equivale à língua. Esse equívoco compromete milhares de alunos, pois a língua perpassa a GN e a ultrapassa. Dessa forma, o aluno fica prejudicado, pois não aprende a sua língua de forma mais ampla, que por sinal é riquíssima e composta por variações.

“O domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica” (POSSENTI, 2012, p. 53). Outro equívoco é que essa gramática, imposta no meio escolar, consiste na GN, pautada em regras que caíram em desuso, ou calcada em usos de pouquíssimos falantes.

Como já sabemos a GN é repleta de inadequações, pois não se refere à língua em uso dos cidadãos brasileiros, por, na maioria das vezes, serem feitos por gramáticos conservadores, que tentam refrear o curso natural da língua. Dessa maneira, os nossos alunos, principalmente os das classes desprestigiadas, saem da escola pensando que não sabem falar a própria língua (ANTUNES, 2003), e pior, muitos saem analfabetos funcionais, não conseguindo ler e interpretar um texto com um grau de complexidade mínimo; esses e outros transtornos giram em torno desse ensino defasado.

Por essa ótica, percebemos como prejudicamos nossos alunos, falseando a realidade linguística de nosso país. Pois, como afirma Antunes (2003):

Na verdade, a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à

ampliação da competência dos alunos, para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes (ANTUNES, 2003, p. 30).

Marcos Bagno (1999) nos mostra que, ao decorrer do tempo, houve uma “inversão da realidade histórica” no que diz respeito à gramática, pois no passado as gramáticas serviam:

para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações lingüísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela (BAGNO, 1999, p. 64).

Porém, atualmente, como Bagno (1999) escreve, ocorre o inverso, pois a sociedade vê a “gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’” (p. 64).

Como vimos acima, vários teóricos engajados em um ensino democrático, por meio da introdução da variação linguística em sala de aula, denotam a importância de o ensino ser voltado à pluralidade linguística. Essa mudança é essencial para eliminar alguns conceitos e preconceitos que circulam nesse meio gramatical normativo; um deles é que para se falar e escrever bem é necessário saber gramática. Mas Marcos Bagno (1999) vem para mostrar que essa afirmação é infundada. Ele faz a seguinte afirmação: “Esse mito está ligado à milenar confusão que se faz entre língua e gramática normativa. Mas é preciso desfazê-lo” (BAGNO, 1999, p. 66).

Essa confusão entre língua e gramática, que Bagno (1999) cita em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?*, também é abordada por Irandé Antunes (2007), em *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. Antunes (2007, p. 53) sustenta que, “se língua e gramática não se equivalem, saber gramática não é suficiente para uma atuação verbal eficaz”. Sendo assim, o ensino baseado somente na Gramática não é suficiente para desenvolvermos em nossos alunos as capacidades de falar, ler e escrever satisfatoriamente.

Dessa maneira, Antunes (2007) vem para nos mostrar que há outros três conhecimentos necessários, que devem ser mesclados ao da gramática, em sala de aula. Sendo eles: o conhecimento do real e do mundo, o conhecimento dos recursos de textualização e o conhecimento das normas sociais de uso da língua. Discorreremos a seguir, sobre cada um deles.

O primeiro consiste no conhecimento de mundo adquirido pelo falante ao longo do tempo. “É, na verdade, com o apoio que se tem do conhecimento de como as coisas se organizam, se distribuem no mundo da experiência” (ANTUNES, 2007, p. 56); o segundo, por sua vez, consiste na organização do texto, a sequência necessária para se dar coerência ao mesmo; e por fim, o terceiro, consiste na monitoração do comportamento dos falantes em interação discursiva (ANTUNES, 2007, p. 63).

Após as explicações acima, é possível atestar que “o conhecimento linguístico não basta; não é suficiente” (ANTUNES, 2007, p. 64). Sendo assim, é imprescindível a mesclagem, em sala de aula, dos três conhecimentos descritos anteriormente, pois, para formarmos cidadãos capacitados a falar, ler e escrever os mais diversos textos é preciso tirar o foco da gramática e abrir espaço para procedimentos que, de fato, vão contribuir para esse sucesso.

Mas se há todas essas contribuições de pesquisadores a favor da mudança de perspectiva do ensino – de um ensino conservador ao ensino democrático - por qual motivo essa mudança não chega aos nossos LDs? Para responder a essa pergunta, nos apoiaremos em Bagno (2013); o autor afirma que, na maioria das vezes, as editoras exercem pressão para que os materiais visem o ensino tradicionalista, com o intuito de economizar custos de produção e que também estejam de acordo com as expectativas de muitos professores e todos os envolvidos com o ambiente educacional. Portanto, enquanto esse processo pelo qual passa o LD até chegar à escola for guiado por empresas privadas, as quais visam o lucro (BAGNO, 2013), não teremos livros voltados para a temática de um ensino democrático.

Ainda em Bagno (2013) há a afirmação de que as pesquisas produzidas com o intuito de avaliar os materiais didáticos mostram que as obras mais escolhidas entre professores são as de caráter tradicional. O autor explica que isso acontece por conta da deficiência na formação de professores, pois eles não estão preparados para trabalharem com livros que trazem um grau de complexidade maior

e, também, por conta das precárias condições de trabalho a que esses professores são submetidos.

Para essa mudança, Antunes (2003) afirma que:

Isso supõe uma ação ampla, fundamentada, planejada, sistemática e participada (das políticas públicas – federais, estaduais e municipais – dos professores como classe e de cada professor em particular), para que se possa chegar a uma escola que cumpra, de fato, seu papel social de capacitação das pessoas para o exercício cada vez mais pleno e consciente de sua cidadania (ANTUNES, 2003, p. 33-34).

2.3. “Certo” e “errado”?

Ainda baseada nas informações de Marcos Bagno (1999), iniciaremos outro ponto pertinente acerca dessa discussão: o julgamento, em relação à fala do outro, em certa e errada:

enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia (BAGNO, 1999, p. 67).

A partir da afirmação acima percebemos o quão infinita é a nossa LP, o quão heterogênea e o quanto, por extremo equívoco e falta de fundamento científico, é vista nos LDs e compêndios gramaticais como uma língua petrificada, ou até mesmo, sendo representada por somente uma das variedades da língua (norma padrão) como se essa variedade deve ser usada em todas as ocasiões, pois seria a forma “correta”. Dessa maneira, são excluídas todas as outras formas, pois são consideradas como “erradas”.

Mas, para Bagno (1999), “tudo aquilo que é considerado *erro* ou *desvio* pela gramática tradicional tem uma explicação lógica, científica, perfeitamente demonstrável”. Dessa maneira, o erro é mais complexo do que é proposto pelos gramáticos e conservadores da língua. Bagno (2007, p. 61) sustenta que “o erro é uma invenção do ser humano”. Dessa maneira, os “erros” considerados pelos gramáticos conservadores são, na verdade, as variações linguísticas. Um processo natural às línguas vivas.

Bagno (2002) argumenta que:

Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são ‘acidentes de percurso’: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas (BAGNO, 2002, p. 71-72).

Portanto, para que seja “erro” é necessário que o falante não siga as regras de funcionamento da língua. Para ilustrar a noção de *erro*, um exemplo de Bagno (1999, p. 125):

- (1)*Aquele garoto me xingou.
- (2)*Eu nos vimos ontem na escola.
- (3)*Júlia chegou semana que vem.
- (4)*Não duvido que ele não queira não vir aqui.
- (5)*Que o livro que a moça que Luís que trabalha comigo me apresentou escreveu é bom não nego.

As sentenças expostas anteriormente só seriam passíveis de execução por estrangeiros, mas de forma alguma por um falante nativo da língua.

Possenti (2012, p. 38) ratifica que “não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam”. Dessa maneira, não há somente uma língua “certa”, pois, todas as maneiras de dizer, seguindo as regras de organização da língua, são aceitáveis. Devemos mudar a concepção de língua uniforme, para uma língua heterogênea, essa mudança refletiria diretamente no ensino/aprendizagem de LP.

Pois, “toda atividade pedagógica de ensino de português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua” (ANTUNES, 2009, p. 39).

Dessa maneira, devemos desfazer este outro equívoco e ensinar aos nossos alunos a diversidade linguística e não somente uma parcela da língua, contestando que somente aquela língua é “certa” e tudo aquilo que se desviar desse modo é “errado”.

3. Análise da variação linguística no livro didático *Vontade de Saber Português*

O capítulo a seguir tem como objetivo analisar a maneira como se dá o tratamento da variação linguística no LD *Vontade de Saber Português*, usado como objeto de estudo para este presente trabalho. Para tal análise, nos calcaremos em teóricos como: Carlos Alberto Faraco (2008), Faraco e Zilles (2015), Louis-Jean Calvet, (2002), Marcos Bagno (2002, 2013), Mário Perini (2014), Soares (2014) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004).

O capítulo possui a seguinte divisão: 3.1. Apresentação metodológica, 3.2. Análise do objeto, subdividida em: apresentação da obra, sumário da obra e a noção teórica trazida na obra e 3.3. Que português nós vamos ensinar nas escolas?

3.1. Apresentação metodológica

O nosso objeto de estudo consiste em um LD, intitulado *Vontade de Saber Português*, de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, na cidade de Mossâmedes-GO. Ambas as autoras são graduadas em Letras pela Universidade de Londrina (UEL), especialistas em Língua Portuguesa pela mesma Universidade (UEL) e professoras de Português em escolas da rede particular de ensino. Tatiane Brugnerotto possui um título a mais, pois também é especialista em Literatura Brasileira pela UEL.

O referido LD foi escolhido a partir da leitura do livro de Marcos Bagno (2013), *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. Neste livro, Bagno analisa os LDs aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático em 2008, para a utilização nas escolas públicas brasileiras. O autor investiga 24 coleções, cada uma contendo quatro volumes e destinadas às salas de 5º a 8º série. Essa investigação é acerca do modo do tratamento da variação linguística nesses livros aprovados e para tanto, a investigação parte da premissa da pluralidade linguística, que o autor acredita contribuir para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

A partir de então, deu-se o interesse em avaliar o modo de tratamento da variação linguística no LD. Como a pesquisadora em questão exercia a função de

professora no Colégio Estadual Barão de Mossâmedes e tinha contato com o livro que será o nosso objeto de pesquisa, então ele foi escolhido para a análise monográfica. Agora, após a apresentação das autoras do LD e de ter pontuado o motivo e o interesse pela seguinte análise, faremos uma breve apresentação da estrutura do material didático.

O livro *Vontade de Saber Português* é constituído por seis unidades, sendo elas: “A arte de se comunicar”, “Histórias que divertem e ensinam”, “Há algo de estranho no ar”, “Meio ambiente: responsabilidade de todos”, “O prazer de ler”, “Heróis: fantasia ou realidade?”. Cada unidade possui dois capítulos que, curiosamente, cada um, são nomeados de acordo com o gênero a ser trabalhado e cada um dos capítulos são constituídos por alguns subitens. Os subitens presentes nos capítulos são: “Estudo do texto”, “Ampliando a linguagem”, “Produção escrita”, “Interação entre os textos”, “A língua em estudo” e “Produção oral”.

Quanto à constituição dos subitens presentes nos capítulos, é notável a irregularidade quantitativa relativamente à distribuição. Vejamos que alguns subitens aparecem repetidas vezes dentro de um mesmo capítulo, enquanto que outros subitens aparecem apenas uma vez. Exemplos de maior frequência dos subitens dentro de cada capítulo: “Ampliando a linguagem” e “Estudo do texto”. E como exemplo de menor frequência dos subitens dentro de cada capítulo, os subitens “A língua em estudo”, que tem somente um subitem em cada capítulo, e “Produção oral”, que aparece somente cinco vezes em um livro com 12 capítulos. Então, após essa avaliação da estrutura do LD em estudo, podemos afirmar que a disposição dos capítulos e subitens no sumário é irregular.

Procuramos analisar o sumário, primeiramente, e sua estrutura, para que já pudéssemos perceber como os capítulos e subitens eram dispostos em cada unidade. A partir daí, investigaríamos como seria a parte destinada à variação linguística, que é o nosso objetivo principal. Já podemos adiantar que ela é insuficiente, pois há somente quatro páginas que abordam esse tema. Sobre esse assunto, nos contentaremos com o exposto aqui, pois o mesmo será explanado cuidadosamente mais a frente.

A partir de agora analisaremos o material didático. Tal análise será dividida em: proposta de tratamento da variação linguística exibida pelo LD, o componente específico do LD que trata da variação linguística e o tratamento transversal da variação linguística no LD.

3.2. Análise do objeto

Como pudemos observar anteriormente, ao decorrer deste trabalho, na maioria das vezes, por motivos históricos e sociais, a língua imposta como “certa” é a norma padrão (uma idealização da língua). Dessa maneira, automaticamente, são excluídas todas as outras variedades que compõem a nossa LP. Nesse viés de língua “certa” e língua “errada”, a norma padrão é tomada como a única “correta”, a única que deve ser estudada, ocupando assim, todo o espaço das aulas de LP, que poderiam ser calcadas na diversidade linguística, contribuindo assim, para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

No âmbito escolar essa concepção reducionista de língua acaba tendo como um forte meio de expressão o LD, que além de reduzir a língua a uma única norma, também acaba por disseminar o preconceito linguístico³ entre os que o manuseiam. Essa redução é o reflexo da concepção de língua que os seus autores e as editoras possuem. Concepção essa que não contribui em nada com o que deveria ser o objetivo das aulas de LP: a ampliação da competência linguística dos alunos.

Seguindo essa perspectiva, nos propusemos a analisar o LD *Vontade de Saber Português*, de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto, livro destinado a 6º série da segunda fase do Ensino Fundamental. A análise é dividida em três partes, focadas, cada uma delas: na proposta de tratamento da variação linguística apresentada pelo LD, no componente específico do LD que trata da variação linguística e no tratamento transversal da variação linguística no LD.

³ O termo preconceito linguístico refere-se a uma forma de exclusão social, surgida a partir da ideia de que há somente uma Língua Portuguesa correta. Para maiores informações, consultar Preconceito Linguístico de Marcos Bagno (1999).

3.2.1 A proposta de tratamento da variação linguística no LD

Julgamos como sendo a proposta de tratamento da variação linguística do LD um conjunto composto por: a apresentação da obra, o sumário da obra e a noção teórica trazida na obra. Dessa maneira, verificaremos por meio desses três itens como é referenciada a variação linguística, pelo ponto de vista das autoras. Sendo assim, vamos pontuar: 1. se o LD se propõe expressamente a trabalhar a variação linguística; 2. o quanto o LD vai trabalhar a variação e 3. o quê o LD entende por variação linguística.

Ao observarmos a apresentação do livro, na página 3, podemos perceber que as autoras não se comprometem em trabalhar com a variação linguística no LD. Neste sentido, apenas temos a seguinte frase: “[...] no dia a dia entramos em contato com uma infinidade de situações que requerem o emprego das múltiplas linguagens e discursos” (TAVARES & CONSELVAN, 2012, p. 3). Neste trecho, notamos que as autoras mencionam que em cada situação contextual diferente se requer uma linguagem específica, vinculando a língua a uma dada situação, mas em nenhum momento propõem uma pedagogia que ampliará a capacidade linguística do aluno.

Quando as autoras mencionam “infinidade de situações que requerem o emprego das múltiplas linguagens e discursos”, elas estão fazendo uma referência tênue ao termo heterogeneidade linguística. O adjetivo tênue é utilizado para caracterizar uma simplificação das autoras quanto à realidade linguística do PB. Para Faraco (2008):

No plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea (FARACO, 2008, p. 31).

Vejamos que no sumário a única parte destinada ao trabalho com a variação linguística está no primeiro capítulo, no subitem “A língua em estudo” com a seguinte divisão: “A língua e suas variações”; “Gíria” e “Variedade Regional”. De início, já

percebemos uma abordagem, quantitativamente falando, insuficiente, pois o espaço destinado ao assunto ocupa somente quatro páginas, número insignificante, pois o LD constitui um total de duzentos e cinquenta e seis páginas. Embasados nos pressupostos teórico-metodológicos, anteriormente expostos, caracterizamos o espaço destinado à variação linguística insuficiente, devido ao tratamento de somente uma variação linguística, sendo que, apontamos nas páginas anteriores que a língua varia em mais quatro modos - diastrático, diafásico, diamésico, diacrônico - e não somente em um (diatópico).

Na página 30, podemos perceber também outro equívoco, pois as autoras resumem a variação linguística à variedade regional. Nesse sentido, agora iremos pontuar como as autoras caracterizam a variação linguística no LD. Na página anterior, 29, é exposto um poema de Catullo da Paixão Cearense, poeta e cantor popular nascido no Maranhão, com o propósito de abordar a variedade regional – a variação diatópica -, podemos perceber que esse poema surge de um recorte intencional das autoras, que poderiam se apropriar de outros textos para exemplificar as outras variações – diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica - que constituem a língua. A partir desse recorte em que está presente somente a variação regional, podemos destacar também que, ao fazerem isso, as autoras tomaram uma posição preconceituosa, em relação à língua, pois caracterizam como variação linguística somente o falar das pessoas que vivem no meio rural. Explicitando assim, a ideia de que a língua sofre variações/mudanças somente nesse meio. O que não é verdade, como vimos anteriormente que essa variação ocorre em cinco tipos/modos.

Segue a definição do que venha a ser variedades regionais, dada pelas autoras:

O poema de Catullo é marcado por uma linguagem típica de determinadas regiões brasileiras. As diferentes formas de falar, que variam de região para região, são denominadas variedades regionais (ALVES; BRUGNEROTTO, 2012, p. 30).

Ainda na mesma página, 30, logo abaixo da definição de variedades regionais, são propostas atividades, em um item intitulado “Praticando”. Vejamos a seguir:

Figura 1: Atividades

2. O território brasileiro é extenso e algumas regiões são muito diferentes umas das outras, como na maneira como os falantes denominam certos alimentos, objetos etc. A palavra **menino**, por exemplo, corresponde a **piá** em Santa Catarina e a **guri** no Rio Grande do Sul.

a) Consulte um dicionário para encontrar algumas variações das palavras a seguir.

tangerina mandioca meio-fio semáforo

b) Dependendo da região do país, alguns brinquedos e brincadeiras também podem receber diferentes nomes. Veja como são conhecidas a **amarelinha** e a **pipa** em alguns estados brasileiros.

[...]

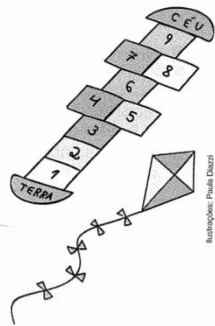
A **academia** ou **cademia** é conhecida como **amarelinha** ou **marelinha**, no Rio de Janeiro, **maré**, em Minas Gerais, e recentemente **avião**, no Rio Grande do Norte. Na Bahia dizem **pular macaco**.

Luis da Câmara Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979, p. 7.

[...] arraia (Bahia), pipa (Rio de Janeiro), papagaio e pipa (São Paulo), pandorga (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), quadrado, tapioca e balde (Nordeste e Maranhão).

História das pipas, pandorgas e papagaios. Extrairdo do site: <www.brasilcultura.com.br/cultura/historia-das-pipas-pandorgas-e-papagaios/>. Acesso em: 1 mar. 2011.

Como são conhecidas essas brincadeiras na região onde você vive?



30

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO (2012), p. 30.

Ao observarmos a atividade, podemos perceber que ela está em consonância com a definição de variação linguística – a variação diatópica – trazida pelo LD, pois apresenta quatro palavras que indicam a variação regional, as quais podem levar a crer que a variação linguística acontece prioritariamente no nível lexical. Dessa maneira, as autoras conseguem permanecer condizentes com a noção teórica apresentada, mas não em harmonia com a realidade linguística, pois, como vimos anteriormente, há mais níveis e modos em que a língua varia. Seguindo assim, fiéis à GN.

Como foi abordado no primeiro capítulo deste presente trabalho, a variação linguística não se resume somente a variedade regional (diatópica), mas há, além dessa, mais quatro modos de variação: diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica. O primeiro tipo consiste na “diferença causada pelos diferentes níveis de escolaridade, pelos diversos aspectos sociais, entre outros fatores” a que os falantes estão ligados (SOARES, 2014, p. 15). Por sua vez, o segundo tipo “trata das diferenças existentes entre a escrita e a oralidade” (SOARES, 2014, p. 15). Já o terceiro tipo “aborda as questões referentes ao uso que os indivíduos fazem da língua em diferentes situações comunicativas” (SOARES, 2014, p. 15). E, por fim, o quarto tipo faz referência “às faixas etárias” (CALVET, 2002, p. 111).

Acerca do referido equívoco, Faraco (2008) afirma que:

Nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a cultura do erro como pano de fundo). Quando se fala em variedades da língua, predominam referências à variação geográfica (...). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas da história das comunidades de cada região (FARACO, 2008, p. 177).

Seguindo a mesma perspectiva, Bagno (2013), aponta que:

A redução do conceito de variação linguística a variação regional acaba por folclorizar (no mau sentido do termo) o fenômeno. Seria muito mais interessante fazer a aluna e o aluno reconhecerem que a língua é sim, heterogênea e variável, inclusive na fala e na escrita das pessoas altamente escolarizadas (...) sem nenhum vínculo com a cultura rural. O problema é que, quando se faz a abordagem da variação presente nas normas urbanas de prestígio, ela vem sempre atribuída à “linguagem informal”, à “linguagem coloquial”, a “descuidos”, “desvios”, “distrações” e outras designações totalmente inadequadas. Essa atribuição deriva, na verdade, de uma tentativa – não explicitada – de veicular um modelo de “norma culta” limitado à língua escrita mais monitorada e respeitosa das regras estritas de correção previstas nos compêndios normativos (...) (BAGNO, 2013, p. 87).

Dessa maneira, calcados em Bagno (2013) e Faraco (2008), podemos reafirmar a falha existente no LD em estudo, com o intuito de ensinar variação regional com HQs.

Nesse tópico, abordamos a proposta de tratamento da variação linguística, agora, de forma progressiva, abordaremos no próximo tópico a parte específica da variação linguística no LD.

3.2.2 A parte específica do LD que trata da variação

No presente tópico, temos como intuito analisar a variação linguística na parte específica no LD que se prestaria ao seu ensino. Caracterizamos como parte específica a parte em que é trabalhada, ou onde deveria ser trabalhada, a variação linguística.

Atentemo-nos à história em quadrinho que se segue:

Figura 2: História em quadrinho - Xaxado



Xaxado: Xaxado 3: 365 tiras em quadrinhos, de Antonio Cedraz. Salvador: Cedraz, 2008. p. 55. v.1.

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO, (2012), p. 27.

Observemos que a história em quadrinho consiste em uma conversa entre uma repórter e o personagem Zé Pequeno. Nas falas de Zé Pequeno há algumas palavras que são consideradas como informais geralmente usadas no dia a dia. Percebemos que a explicação, oferecida pelo LD ao referido fenômeno, vem logo abaixo da HQ estabelecendo uma relação entre a variação linguística e a fala do personagem Zé Pequeno. Dessa maneira, o livro expõe que variação linguística se resume apenas a essa variedade da língua, a variação diatópica. Outra vez, percebemos que o LD trabalha fortemente com a variação regional (diatópica), excluindo todas as outras. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 30) “no Brasil, a variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras.”

No primeiro quadrinho, Zé Pequeno é indagado pela repórter se já teria ouvido falar da internet. Zé Pequeno usa duas palavras que fogem do que consta em gramáticas e dicionários: ‘Artuzim’ e ‘mostrô’. Esses dois vocábulos sofrem uma alteração do morfema sufixal e uma monotongação, respectivamente. O primeiro fenômeno consiste na troca do sufixo ‘-inho’, pelo ‘-im’. Já o segundo, consiste na

queda da vogal final, ou da coda silábica, com o que o ‘ou’, um ditongo, acaba sendo pronunciado somente ‘ô’. Na palavra ‘mostrô’, a semivogal que ocupa o lugar da segunda consoante nas sílabas CVC, está sujeita a eliminação. A perda nos ditongos da semivogal resulta em um processo denominado monotongação. Como por exemplo, ocorrendo também em: ‘falou’ > ‘falô’; ‘jogou’ > ‘jogô’.

No terceiro quadrinho ocorrem cinco fenômenos de variação linguística: ‘nóis’, ‘rede’, ‘durmir’, ‘pegá’ e ‘pêxe’. O primeiro fenômeno consiste em uma forma usada paralelamente ao ‘nós’ (formal), que pode ser caracterizado como uma ditongação. Ditongação é a duplicação de uma vogal. Já o segundo fenômeno consiste em uma ambiguidade lexical, pois Zé Pequeno imaginou que a ‘rede’, citada pela repórter, seria a rede de pescar ou a de descanso – aparentemente as únicas que ele conheceria... -, mas ela é usada no sentido de internet. O terceiro fenômeno consiste na troca do ‘o’ pelo ‘u’.

Por sua vez, o quarto fenômeno consiste na queda do ‘r’ final, uma alteração morfológica. O /r/ pós-vocálico da palavra ‘pegá’ tende a ser suprimido, especialmente nas formas infinitivas. Quando ocorre essa supressão, a vogal final é alongada, recebendo assim, intensidade. Alguns exemplos, retirados de BORTONI-RICARDO (2004, p. 85), do referido fenômeno: ‘correr’ > ‘corrê’; ‘desenvolver’ > ‘desenvolvê’. Ainda em Bortoni-Ricardo (2004, p. 85) lê-se que o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado tende a ser suprimido. E, por fim, o quinto fenômeno também consiste na monotongação, ocorrida com a queda do ‘i’, sendo pronunciado somente o ‘ê’. Para o referido fenômeno, Bortoni-Ricardo (2004, p. 96), afirma que o segmento /x/ é um fonema pronunciado na região alta da boca, o palato, como a vogal /i/. Sendo assim, a consoante /x/ e a vogal /i/ são sons homo-orgânicos, quanto ao seu ponto de articulação. As consoantes homo-orgânicas são as que mais propiciam a monotongação. Sobre a grafia ‘pêxe’, Bagno (2013, p. 85) argumenta que “ela quer simplesmente representar outro *traço gradual* (...) : a eliminação da semivogal [i] dos ditongos quando ela precede uma consoante palatal (...)”.

Se tudo isto não bastasse, a tentativa de representação da fala por meio de quadrinhos não é fiel à realidade dos fatos, sendo assim, inadequada para o tratamento da variação linguística. Faraco (2008, p. 177-178) ratifica que o uso de quadrinhos “está muito longe de representar, de fato, uma variedade do português rural. É antes uma elaboração estereotipada de um certo falar rural”. Bagno (2013)

também acha inadequado o uso de quadrinhos para a representar a fala. Para ele as HQs “não são representações fiéis das variedades linguísticas que elas supostamente veiculam”.

Na página seguinte, 28, podemos constatar outra falha cometida pelo LD. Vejamos que as autoras caracterizam as gírias como variação linguística. Vejamos a definição dada pelas autoras para o referido fenômeno:

As palavras ou expressões empregadas por um determinado grupo social em registros informais de comunicação recebem o nome de gíria. *A gíria constitui uma variedade da língua*, usada com o objetivo de efetivar a comunicação entre falantes de um grupo de pessoas, e pode ser caracterizada pela dificuldade de compreensão por outras pessoas. (ALVES & BRUGNEROTTO, 2012, p. 28. Grifo nosso.)

Após essa definição percebemos que as autoras caracterizam a gíria como uma variação linguística. Alguns autores desconsideram esse posicionamento, como Louis-Jean Calvet (2002):

O que se chama de gíria é na realidade um conjunto de práticas caracterizado por:

- alguns traços sintáticos, por exemplo a utilização intransitiva de verbos normalmente transitivos: “Sujou!” para se referir a um evento inesperado, portador de eventual risco;
- alguns traços fonéticos, por exemplo a pronúncia “veio” por “velho” e “sartá” por “saltar”;
- um conjunto lexical produzido seja pela aplicação de regras do tipo que acabamos de descrever, seja pela aplicação de regras de transformação, como no *verlan* (CALVET, 2002, p. 113).

Assim, como se deduz da citação de Calvet, não se pode afirmar que a gíria é uma variedade de língua.

Até aqui, trabalhamos com a verificação da proposta de tratamento da variação linguística no LD e com a análise do componente específico de tratamento da variação linguística. A partir de agora, verificaremos se há o tratamento transversal da variação linguística, e se sim, qual o modo do referido tratamento no LD. Julgamos necessário esse tratamento para mostrarmos a importância da

perspectiva da pluralidade linguística perdurar por todo o livro, sendo demonstrada nos usos linguísticos e não somente ser abordada em um único item.

3.2.3 O tratamento transversal da variação linguística

Na página 173, do LD em estudo, consta um quadro de pronomes da LP, que segue abaixo:

Figura 3: Quadro de pronomes pessoais – Vontade de Saber Português

Pronomes pessoais			
		retos	obliquos
1ª pessoa	singular	eu	me, mim, comigo
	plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa	singular	tu	te, ti, contigo
	plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa	singular	ele, ela	o, a, lhe, se, si, consigo
	plural	eles, elas	os, as, lhes, se, si, consigo

Fonte: ALVES; BRUGNEROTTO (2012), p. 173.

Notamos que o quadro está desatualizado, ou seja, os pronomes abordados estão praticamente todos em desuso. Para ilustrar, segue um quadro de pronomes utilizados atualmente, uma oportunidade de tratar, transversalmente, a variação linguística, em conteúdos tidos como tradicionais. Um quadro que consta a utilização dos pronomes atualmente usados. Uma possível maneira de trabalhá-lo em LDs para mostrarmos aos nossos alunos a realidade linguística e deixar de lado a idealização da língua. Este quadro foi retirado do livro *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*:

Figura 4: Quadro de pronomes – Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.

Variação linguística: variedades e diástrato				
I	II	III	IV	V
Eu falo	(Eu) falo	Eu falo	Eu falo	Eu falo
Tu fala	(Tu) falas	Tu fala	Tu fala	Tu fala
Você fala	Você fala	Você fala	Você fala	Você fala
Ele fala	(Ele) fala	Ele fala	Ele fala	Ele fala
A gente fala	A gente fala	A gente fala	A gente fala	A gente fala
Nós falamos	(Nós) falamos	Nós falamos	Nós falamos	Nós fala
Nós falamo				
A gente falamos	A gente falamos			
A gente falamo				
Vocês falam	(Vós) falais	Vocês falam	Vocês falam	
Vocês fala	Vocês fala	Vocês fala		
Eles falam	(Eles) falam	Eles falam	Eles falam	
Eles fala	Eles fala	Eles fala		

Figura 6: quadro final — indicação do paradigma mais distante do grupo em sala.

Fonte: FARACO & ZILLES (Orgs.), p. 282.

Após esta análise do LD *Vontade de Saber Português*, das autoras Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto, podemos afirmar que, quanto ao modo de tratamento da variação linguística, podemos caracterizá-lo como paupérrimo. Essa definição se calca em autores engajados e compromissados com o ensino de língua materna como Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Irlandé Antunes, entre outros. Esses autores defendem a variação linguística como componente das aulas de LP, pois, a partir de sua inclusão nas aulas, o professor se compromete com a ampliação da competência linguística de seu aluno, que é o objetivo primordial das aulas de LP. Nessa perspectiva, para Bagno (2002):

uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, negativa ou positiva. (BAGNO, 2002, p. 75)

Entretanto, quando o docente foca as suas aulas somente em regras gramaticais e em uma transmissão de conhecimento voltado somente para a norma-padrão, ele não contribui para a heterogeneidade linguística do aluno, muito menos, o conscientiza acerca do estigma que cada variante, que não seja a norma-padrão, carrega. Pelo contrário, o aluno deixa a escola pensando que ele não sabe nem a sua própria língua. Portanto, no intuito de desfazermos esse equívoco que perdura no meio educacional há séculos, analisamos o LD para mostrarmos que a perspectiva de variação linguística trazida pelo livro é insuficiente. Insuficiente, pois, não contribui para o desenvolvimento da competência linguística do aluno, o que deveria ser o objetivo primordial das aulas de LP.

Conclusão: Que português nós vamos ensinar nas escolas?

Após toda uma explanação reflexiva guiada por teóricos que defendem um ensino calcado na pluralidade linguística, e de analisarmos os problemas no estudo da linguagem que ainda norteiam o ensino de LP e a elaboração de LDs, podemos afirmar que o tratamento da variação linguística no livro *Vontade de Saber Português* é insuficiente, de maneira que não corresponde às expectativas, advindas da Pedagogia da Variação Linguística para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

Primeiramente, podemos ver que a proposta de trabalho da variação linguística não é consistente, lembrando que consideramos como proposta a apresentação do livro, o sumário e a noção teórica. Na apresentação nada se fala sobre a variação linguística; em seguida, no sumário, vê-se que é destinado à variação linguística somente um subitem de um único capítulo para a explanação do mesmo; e, posteriormente, a noção teórica apresentada é falha, por caracterizar a variação linguística somente como a variação diatópica (regional). No espaço destinado à parte específica para o tratamento da variação linguística, ainda há falhas, pois na verdade, o que precisa ser trabalhado, na verdade não o é. A falha perdura durante todo o livro, pois no espaço que poderia ser destinado ao tratamento transversal da variação linguística, há um tratamento da língua na perspectiva normativista⁴.

Para Bagno (2013):

Os livros didáticos (LD) constituem, em muitos ambientes escolares, sobretudo no universo do ensino público brasileiro, a principal (quando não única) ferramenta para o processo de **letramento** não só dos alunos (e, muitas vezes, de suas famílias) como também dos próprios docentes, cuja formação é reconhecidamente precária, insuficiente (BAGNO, 2013, p. 7).

A preocupação para que se tenham livros compromissados com o desenvolvimento linguístico dos alunos é pelo fato, como disse Bagno (2013), de ser

⁴ Perspectiva calcada no julgamento dos usos linguísticos em “certo” e “errado”.

o principal, se não o único material de apoio para os professores em sala de aula. Dessa maneira, ainda em Bagno (2013):

Fornecer a esse público discente-docente livros de boa qualidade teórica e metodológica, sintonizados com os avanços das ciências da linguagem e da educação, representa, portanto, uma política de aprimoramento do ensino e, conseqüentemente, de construção da cidadania (BAGNO, 2013, p. 7).

A partir da análise deste LD sob a perspectiva da Pedagogia da Variação Linguística, percebemos o quanto o tratamento da variação é problemático. Sendo assim, engajados com o desenvolvimento da competência linguística dos alunos, proporemos um estudo de língua materna calcado na pedagogia sociolinguística, pedagogia que tanto foi falada anteriormente e que consiste, basicamente, em:

uma pedagogia sociolinguisticamente sensível que ofereça aos educandos a possibilidade de compreender a heterogeneidade linguística da sociedade em que vivem, situar nela as variedades ditas cultas, abrir-se para seu domínio e, acima de tudo, superar criticamente qualquer atitude preconceituosa (FARACO & ZILLES, 2015, p. 15).

Para Mário Perini (2014), indo ao encontro dessa perspectiva, afirma que:

Em vez de eliminar pura e simplesmente o estudo de gramática na escola (com o que estaríamos fechando uma janela), é preciso redefini-la em termos de formação científica. Só assim essa disciplina – o estudo da linguagem, que é o mais importante dos fenômenos sociais – poderá dar sua contribuição à alfabetização científica nossa e de nossos alunos (PERINI, 2014, p. 66).

Dessa maneira, após a explanação teórico-metodológica e a análise do LD *Vontade de Saber Português*, propomos uma pedagogia voltada para a pluralidade linguística. A Pedagogia da Variação Linguística ou Pedagogia Sociolinguística visa

uma abordagem das mais diversas variações que constituem uma língua. Afinal, como disse Faraco (2008), a língua é constituída de variedades.

Dessa maneira, é de suma importância termos políticas públicas eficientes voltadas para o nosso ensino básico, pois, não podemos também sobrepor a culpa toda somente nos nossos professores e alunos pela falta de competência linguística com que o alunado deixa a escola.

Para tanto, temos que lutar para que a variação linguística entre nas salas de aulas de nossas escolas, que o estudo de regras gramaticais e nomenclaturas abram espaço também para textos orais e escritos, contextualizados, que sirvam de fato para a ampliação da competência linguística dos alunos.

Referências Bibliográficas

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. A (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras* [volume 1]. São Paulo: Cortez, 2006.

ALVES & BRUGNEROTTO. *Vontade de saber Português*. São Paulo: FTD, 2012.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. 8° ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. 4° ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz?* 4° ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. GAGNÉ & STUBS. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 3° ed. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística In: F.; BENTES, C. A (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras* [volume 1]. São Paulo: Cortez, 2006.

CAVALIERE, Ricardo. *Vertentes da Sociolinguística no Brasil*. Web Revista Sociodialeto, UEMS/Campo Grande, volume 4, n. 12, p. 612-624, maio 2014.

CESARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. *O tratamento da variação linguística no livro didático de português*. Brasília: UNB, 2007. 151 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Língua: vidas em português. (Coprodução Brasil-Portugal. Direção: Vítor Lopes. Duração: 105 minutos. Ano de lançamento: 2004).

PERINI, Mario. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: Porque ensinar gramática? Que gramática ensinar? In.: NEVES, Maria Helena de Moura. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Orgs.) *Gramáticas Contemporâneas do português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 2º ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

SARAMAGO, J. *Língua: vidas em português*. (Coprodução Brasil-Portugal. Direção: Vítor Lopes. Duração: 105 minutos. Ano de lançamento: 2004).

SILVA, Silvio Ribeiro da. *Variação linguística no livro didático de Português ALP - 4º ciclo*. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2006. (Comunicação)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZILLES, Ana Maria Stahl e FARACO, Carlos Alberto [orgs.]. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.